



## A BIOGRAFIA: ENTRE O DESAFIO RENOVADO DE ESCREVER UMA VIDA E DE REFLETIR SOBRE A NARRATIVA

### APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

**MARCELLA LOPES GUIMARÃES**

**Universidade Federal do Paraná**

**RENATA CRISTINA DE SOUSA NASCIMENTO**

**Universidade Federal de Goiás**

**Universidade Estadual de Goiás**

**PUC-Goiás**

\*\*\*

*Nos últimos quarenta anos os medievalistas têm voltado seus olhos ao gênero biográfico (e aos gêneros que compartilham com ele a ambição da narrativa da vida) como fonte principal de suas investigações; têm se interessado por ele como fonte auxiliar para análises fundadas em objetivos que apenas tangenciam a discussão do gênero biográfico e têm, por sua vez, escrito biografias. Mesmo os historiadores formados pelos Annales exercitaram e têm exercitado a escrita biográfica. Esse exercício anima projetos de amplitude, como provam coleções exitosas do ponto de vista editorial sobre reis e rainhas que viveram no medievo. Os medievalistas compartilham com seus pares dedicados ao estudo de outras temporalidades os interesses e a realização.*

Esse foi o primeiro parágrafo da apresentação do que era um projeto de dossiê encaminhado por nós aos editores da *Revista Diálogos Mediterrânicos* em 2020; projeto aceito e publicizado amplamente. Hoje, temos a satisfação de apresentar aos leitores as respostas do convite que fizemos aos pares. Agradecemos imensamente às pesquisadoras e aos pesquisadores que se sentiram

motivadas(os) a escrever sobre o tema, às avaliadoras e aos avaliadores que leram com o rigor que esperávamos e aos editores da revista, pelo acompanhamento em todas as etapas. Fazemos um agradecimento especial ao colega Stéphane Boissellier, da Universidade de Poitiers (França) que concebeu o dossiê conosco, em 2020.

Nas próximas páginas, a leitora e o leitor vão encontrar artigos de pesquisadores atuantes nos estados brasileiros da Bahia, de Goiás, do Paraná, do Rio de Janeiro e de São Paulo; vão encontrar também artigos de pesquisadores da Argentina, da França e de Portugal. São 11 textos que vão permitir aos leitores a percepção de muitas sintonias e referências cruzadas; surpresa na abordagem interdisciplinar, no estudo detido de casos e nas respostas que um texto oferece a outro, sem que isso tivesse sido combinado! Os leitores verão que alguns (mesmos) autores são referidos em notas de artigos diferentes, mas vão perceber também como o repertório sobre o tema é robusto e diverso. De maneira muito geral e com intenção de motivar a leitura integral do dossiê, arrolamos alguns temas, abordagens e objetivos que perpassaram os artigos publicados. A ordem de apresentação abaixo segue o princípio alfabético, do sobrenome da pesquisadora e do pesquisador. No caso do único artigo coletivo do dossiê, adotamos o sobrenome da primeira autora. Empregamos a terceira pessoa para abordar todos os textos, mesmo os nossos.

\*\*\*

A pesquisadora Isabelle Guyot-BACHY da Universidade de Lorraine (França) evoca a importância do trabalho recente de três historiadores que pensaram a biografia no âmbito dos estudos medievais: John Baldwin, Bernard Guenée e Jacques Le Goff. Depois situa seu debate como uma tentativa de compreender o que significava fazer a biografia de um indivíduo no Ocidente Medieval. A pesquisadora analisa as implicações da herança dos modelos antigos, as relações entre biografia, hagiografia e história a partir da dimensão memorialística e, por fim, coloca em cena a lógica social dos textos. A Profa. Isabelle Guyot-Bachy nos lembra que raramente as biografias medievais estão isoladas e apresentam certa “solidariedade” com outras biografias.

A pesquisadora Adriana Túlio BAGGIO, integrante do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (PUC-SP) e pós-doutoranda do PPGHIS/UFPR, realiza uma discussão das dicotomias construídas por François Dosse em *O desafio biográfico*. Baggio traz o aporte da semiótica discursiva. O objetivo da pesquisadora foi a “proposição [de um modelo] mais geral do hibridismo da biografia, modelo que deve, então, levar em conta a diversidade e a assimetria das dicotomias”, ou seja, “a proposição de um modelo de classificação de biografias que pudesse acolher as diversas manifestações de seu

hibridismo”. A pesquisadora convida os interessados a colocarem seu modelo à prova e faz uma ressalva ao final.

O artigo do pesquisador François CLÉMENT da Universidade de Nantes (França) discute a obra *Kitāb al-Daḥīra fī maḥāsīn ahl hādīhi l-Ġazīra* de Ibn Bassām, ou seja, *O Livro do Tesouro, sobre os méritos das gentes dessa Península* (a Península Ibérica). Em seus anos de maturidade, Ibn Bassām viveu sob o emirado almorávida, mas na velhice assistiu à crise política que entronizaria os almoadas. A obra foi escrita entre 1106 e 1109 da era comum. Segundo o pesquisador, a *Dahīra* pode ser considerada uma espécie de manifesto, possui uma dimensão autobiográfica, ou seja, não seria possível separar o autor do projeto que enceta, e o prefácio apresenta elementos essenciais para a compreensão do conjunto.

A pesquisadora Carmem Lúcia DRUCIAK da Universidade Federal da Bahia examina em seu texto elementos biográficos de dois personagens de Christine de Pizan (1364-1430), no *Livre des faits et bonnes moeurs de Charles V* (1404) e em *Le Ditié de Jehanne d’Arc* (1429). Trata-se de Bertrand Du Guesclin e de Joana d’Arc. Druciak disserta sobre como alguns elementos da biografia cavaleiresca, tais como: “o entrelaçamento entre história, como sinônimo de verdade, e ficção, do campo da criação; o devir coletivo; resposta a certos objetivos; afirmação de uma consciência social e coletiva, e o sentimento da fragilidade humana” fazem sentido na discussão dos personagens em textos que elevam, na verdade, a monarquia francesa. Mas inova ao convocar o conceito de “identidade narrativa” a partir da obra de Paul Ricoeur, para qualificar as escolhas de Pisan no tempo.

O texto do pesquisador Fabiano FERNANDES da Universidade Federal de São Paulo realiza em si mesmo escrita biográfica e reflexão sobre a escrita, tomando por base a narrativa do processo de lesa-majestade do duque de Nemours, Jacques de Armagnac. Nesse processo, o sequestro do rei seria peça fundamental para a construção da culpabilidade. Segundo o pesquisador: “O crime de lesa-majestade do duque de Nemours se configurou por meio do empilhamento, no texto, de situações comprovadas ou apenas meramente presumíveis em torno do personagem do duque”. Tudo orquestrado por uma “máquina de produção de inquéritos” que buscou tecer um perfil de traidor para o duque de Nemours.

O artigo do pesquisador Leonardo FUNES da Universidade de Buenos Aires (Argentina) tem como objetivo discutir um caso que ele considera inusitado, levando em conta que até o começo do século XIV as letras castelhanas não costumavam assinalar os autores das composições. Trata-se do caso do príncipe Juan Manuel (1282-1348). Seu texto discute conceitos (parte da “função autor” de Michel Foucault para abandonar o conceito e assumir a “figura autor”), a emergência da autoria de

Juan Manuel em Castela e a intenção deste de realizar uma *altrobiografia*, como entende Giuliano Gramigna. O texto do Prof. Funes oferece muitos elementos para o debate sobre a biografia e a autobiografia na Baixa Idade Média.

A pesquisadora Marcella Lopes GUIMARÃES da Universidade Federal do Paraná apresenta em seu artigo traduções inéditas de *vidas e razos* do cancionero occitano e extrai do conjunto maior que traduziu em seu estágio de Professora Visitante Sênior junto à Universidade de Poitiers um dado de sociabilidade poética relevante para aprofundar modos de viver nas cortes do sul da França: a cumplicidade entre as mulheres. A partir da leitura de todo o conjunto de biografias e explicações de poemas, bem como do cancionero das trobairitz, a pesquisadora enxerga relações sutis entre poetas e grandes damas: elas se procuram, não se isolam umas das outras, disputaram a atenção uma da outra, muito raramente disputaram um mesmo homem, respeitaram-se e reivindicaram esse dever tão importante nas cortes feudais: o dever de conselho.

O texto da pesquisadora Renata Cristina de Sousa NASCIMENTO da Universidade Federal de Goiás (UEG e PUC-Goiás) convoca o gênero hagiográfico para o debate sobre a biografia no medievo. Para a pesquisadora, o relato hagiográfico é mais do que uma biografia “pois propõe claramente um programa moralizante, em que o biografado também realiza milagres e participa do sagrado”, ou seja, a hagiografia responde a demandas concretas e específicas que impactam o texto na seleção de elementos, como os locais de morte e a narrativa de traslado de relíquias, dentre outros. Na verdade, além de narrar uma vida excepcional, para a hagiografia converge a expressão “de como as pessoas atribuíam sentido ao que consideravam sagrado”.

As pesquisadoras Marcela de Oliveira Santos SILVA, Maria da Glória de OLIVEIRA e Thais França GUIMARÃES da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro apresentam uma reflexão em duas partes. Na primeira, fazem uma revisão de “bases para pensar o gênero biográfico como escrita da história” na diacronia, evocando a historiografia contemporânea e o sucesso do gênero no mercado editorial brasileiro. Na segunda parte, pensam a biografia como fonte. Segundo as pesquisadoras, trabalhar com a biografia como fonte permite observar sociedade, ações do biografado, o biógrafo e a narrativa. Essa última direção se desdobra ainda em outras: “por meio [da narrativa] obtemos uma imagem da história e do devir social como sistema aberto, em constante transformação e definido por dinâmicas e mecanismos interativos”.

A pesquisadora Adriana VIDOTTE da Universidade Federal de Goiás traz a sua intersubjetividade para o debate sobre o tema e evoca a própria trajetória de pesquisa, marcada no seu início pela individualidade da rainha Isabel de Castela (1474-1504). Vidotte evoca a “retomada de

prestígio” do gênero biográfico nos anos 90 do século XX e, no artigo, busca “refletir sobre o desejo, as possibilidades e as dificuldades de escrever a biografia de uma rainha medieval”. A pesquisadora reúne elementos atualizados para o debate sobre a pessoa e o indivíduo; para a escrita biográfica que tem como foco os “grandes homens”/as “grandes mulheres” e vincula essa discussão ao que concerne à biografia da rainha Isabel. Ao final, a Profa. Adriana Vidotte revela o que busca e o que encontra quando pesquisa o gênero biográfico.

O texto da Profa. Hermínia Vasconcelos VILAR da Universidade de Évora (Potugal) evoca o sucesso editorial de duas coleções de biografias publicadas nas primeiras décadas do século XXI, de reis e rainhas portuguesas. Traz a prosopografia para a discussão e situa a importância do debate sobre o gênero biográfico, porque ele “permanece como um gênero privilegiado por públicos mais amplos, colocando, em paralelo, o problema da divulgação e da transmissão do conhecimento histórico”. Seu artigo é dividido em duas partes: na primeira, a pesquisadora defende o potencial das análises interdisciplinares para “o estudo da vivência individual” e na segunda, analisa o testamento como tipologia documental, centrando-se em testamentos episcopais datados dos séculos XIII e XIV.

\*\*\*

Em dossiê marcado pela presença de medievalistas, incluímos, entretanto, textos que não necessariamente são voltados ao estudo específico do medievo. Ainda que o convite que fizemos tenha sido pensado para as/os medievalistas, ficamos contentes de constatar que os estudos biográficos tenham motivado e trazido colegas voltados ao estudo de outras temporalidades, que desejam dialogar conosco pela proposta. O acolhimento que concedemos aos artigos que ultrapassaram a baliza temporal determinada de início beneficiou a reflexão sobre o tema, pode potencializar as trocas e certamente trará mais leitores para o *convivium*.

A todas e todos, uma boa leitura!